

Brasília precisa lutar por sua cultura

Entrevista: Ferreira Gullar

Severino Francisco

O poeta e jornalista maranhense José de Ribamar *Ferreira Gullar*, 50 anos, que voltou ao Brasil há três anos, foi o primeiro diretor da Fundação Cultural do Distrito Federal em 1961 (governo Jânio Quadros), onde ficou 8 meses no trabalho de sua implantação.

Intellectual respeitado há quase 30 anos, desde o lançamento de sua obra «A Luta Corporal» e «Cultura Posta em Questão», Gullar deixou o país em 1974, após enfrentar inúmeras dificuldades a partir do processo dos intelectuais, que começou com a sua prisão na companhia de Antonio Callado, Paulo Francis e Caetano Velloso.

Reengajado no movimento cultural brasileiro, para o qual trouxe o livro - «Poema Sujo», Gullar revela nesta entrevista seus planos originais para fazer da Fundação um núcleo de irradiação e estímulo à cultura local, que imaginou essencialmente candanga, produto da transplantação do Nordeste para o Planalto Central como co-autor da cidade.

Como agora, mas por motivos diferentes, ele encontrou inúmeras dificuldades, principalmente materiais para concretizar seu plano. Mas de seu depoimento conclui-se que a Fundação abriu mão de conquistas expressivas, desde o nível de idéias até a localização

de espaços culturais, o que pode explicar a indigência brasileira de hoje. A discussão desse tema, que o *Jornal de Brasília* vem promovendo a propósito dos 20 anos da cidade, completa-se hoje com a participação de Gullar.

Criador inquieto, o autor de «Dentro da Noite Veloz» participou ativamente como habitante cultural de Brasília, não apenas a nível burocrático, mas escrevendo poemas. Seu novo livro «Na Vertigem de Viver» deverá ser lançado no próximo mês de maio. Junto a esta entrevista publicamos «Homem Comum», um dos poemas forjados ao tempo de sua experiência brasiliense, encerrada de maneira tragicômica com a renúncia de Jânio.

Apesar de afastado todo esse tempo de Brasília, Gullar revela que tem muito carinho pela cidade e preza acima de tudo o seu período de Planalto, quando faltava tudo. Depois de sua volta ao Brasil já esteve aqui uma vez, «correndo», como lembra. Para os moradores de Brasília daquela época, contudo, todas as vezes que Gullar esteve por aqui, mesmo velozmente, a cidade ganhou com isso. Seu tempo à frente da Fundação foi um dos mais criativos para a vida cultural de Brasília, segundo contam. A seguir idéias e desgostos do poeta ao comparar o passado e o presente.

JBr — Como foi a passagem por Brasília como diretor-executivo da Fundação Cultural?

Gullar — Fiquei oito meses na Fundação. Cheguei lá em 1961 e a Fundação ainda não existia. Só havia um estatuto que devia ser legalizado. Ela existia apenas no do papel. Grande parte do tempo foi gasto neste trabalho de implantação. Levar daqui do Rio as pessoas que compunham o staff administrativo. Os assessores eram Cláudio de Melo e Souza (teatro), Barreto Borges (literatura) e Nino Krieger (música). Era um problema achar pessoas que se dispusessem a sair do Rio para ir para Brasília. Largar toda a vida do Rio e ir a Brasília, naquela época, era uma «barra»...

JBr — E qual era o seu projeto cultural para Brasília?

Gullar — Bem, no projeto que eu tinha para Brasília, considere que a cidade era a junção do que havia de mais novo e de mais velho no Brasil — o urbanismo de Lúcio Costa e a arquitetura de Niemeyer de um lado, e do outro a cultura trazida com a mão-de-obra do nordestino, do pau-de-arara. Então achei que o projeto cultural da cidade deveria se ater a essa realidade. A Fundação devia de um lado trazer para Brasília o que havia de mais moderno e atual nos diferentes campos da cultura — no teatro, na música, nas artes plásticas, e por outro lado estimular em Brasília uma atividade de arte popular. Então essa arte de vanguarda seria trazida — não se poderia esperar que isso pudesse nascer em Brasília de repente. Dessa forma, convidei pra ir lá o Teatro de Arena de São Paulo, realizei uma exposição do Museu de Arte Moderna de São Paulo — obras de alta categoria do acervo do museu. No setor da música, o Edino levou também uma série de grandes artistas de expressão nacional a Brasília. Levamos também a companhia francesa de teatro do Jean Louis Barralt.

JBr — E o outro lado, por que não funcionou?

Gullar — O outro lado que previa a criação de ateliers para o pessoal de Brasília — o candango — realizar lá o trabalho de artesanato, o trabalho de arte popular que ele naturalmente trazia como tradição, como acúmulo cultural do Nordeste sendo ele originário desta região — isto não se pôde fazer. Não se pôde fazer porque o candango morava primeiro fora de Brasília, depois porque saía de casa às seis horas da manhã para trabalhar e voltava de noite. Então não tinha mesmo condições de participar de atividades culturais.

Agora, dentro do meu projeto havia também outra coisa — criar um museu de arte popular em Brasília. Este museu seria ao mesmo tempo um local de venda do artesanato de todas as regiões brasileiras. Então eu mandei duas pessoas viajarem pelo Norte e Sul do Brasil recolhendo este ma-

terial. A idéia era essa: uma parte desse material ficaria como acervo — e a outra parte seria vendida para o morador de Brasília, para o turista — ao invés de comprar prato de boroletas e outras coisas de mau-gosto, compraria a verdadeira arte popular brasileira. E com isso, a gente tentaria criar um mercado para estes artistas populares. Estabelecer um vínculo com eles que iria se ampliando e seria uma forma de manter viva esta produção cultural de todo o Brasil. Seria uma forma de de estimular e manter viva esta produção.

JBr — O que impediu a criação do museu?

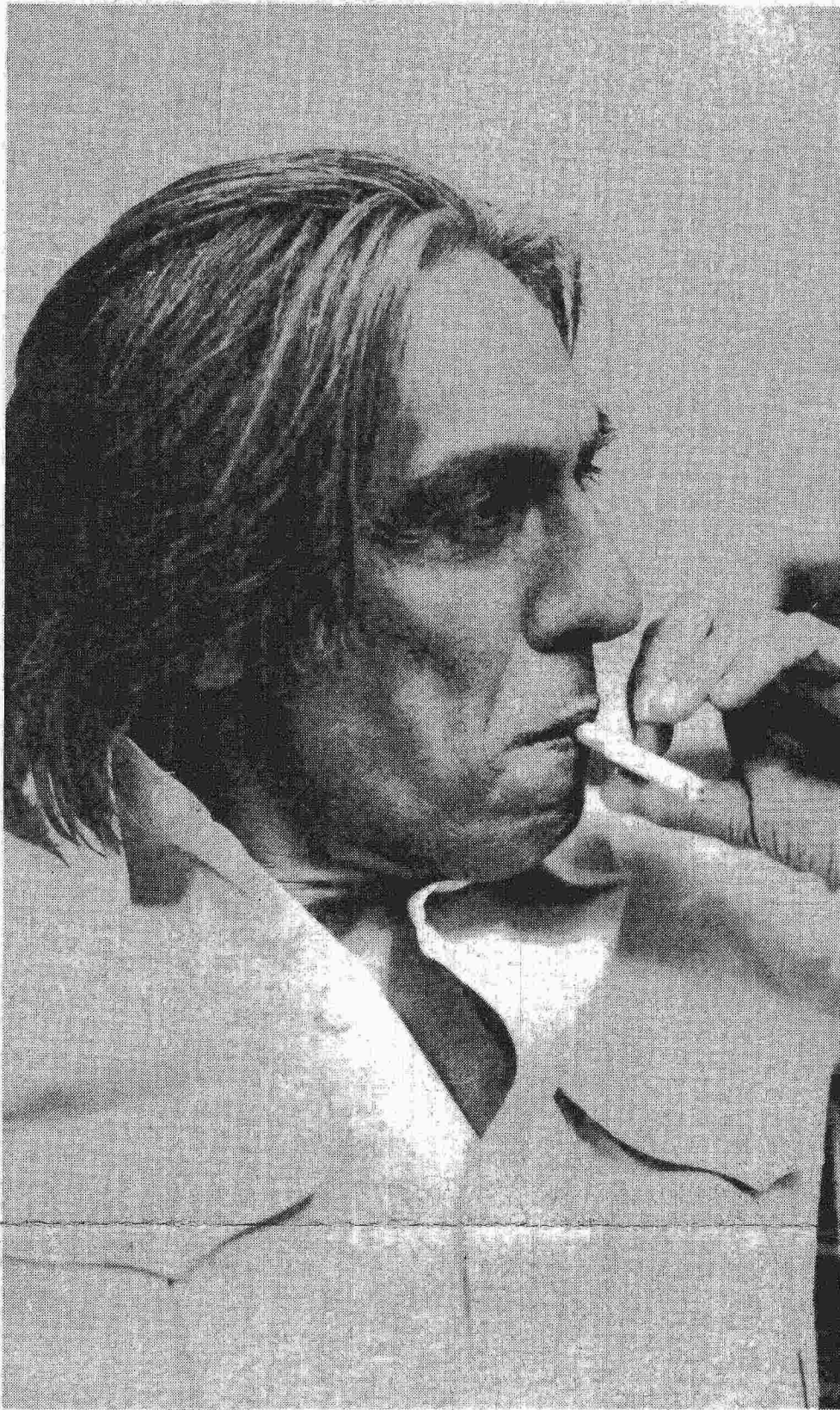
Gullar — Eu chamei o Oscar Niemeyer para fazer um projeto do Museu. Ele fez o projeto com o entusiasmo de sempre. E o museu deveria ser construído em frente ao Aeroporto de Brasília. Inclusive, quando o Jânio renunciou eu ainda tive que ficar alguns meses lá a pedido do novo prefeito, embora tivesse apresentado a minha demissão. Aproveitei este tempo para implantar o museu. Então pelo menos os alicerces foram plantados. Enquanto isso tinha chegado o material que eu tinha mandado recolher — ao menos uma parte considerável dele. Mas isto coincidiu com o tumulto da saída do Jânio. Já estava aquela crise, aquela coisa toda. O museu chegou a ser construído.

JBr — Mas, onde está ele? Em Brasília?...

Gullar — Acho que virou um negócio pra guardar máquina. Não sei se ainda tem isso aí, porque faz muito tempo que não vou a Brasília. Fui outro dia lá para lançar um livro, mas correndo. O museu era inclusive coberto de sapé — era um negócio muito bacana. Era também uma mistura de material moderno e material popular — quer dizer, dentro do próprio espírito do projeto. Então foi o que a gente conseguiu fazer. Inclusive, conseguimos levar para Brasília um trabalho artesanal brasileiro, uma garrafinha chamada «timbal». Eu tinha visto quando criança e fiquei impressionado com a beleza do negócio. Então pedi que a pessoa que estava recolhendo este material fosse até a Praia do Timbal, no Rio Grande do Norte. Eles tiveram de pegar até helicóptero, sei lá o que, pra chegar no lugar e localizar as duas mulheres que faziam aquelas garrafas. Hoje eu vejo umas garrafinhas lá em Brasília e, suponho, devem ter sido consequência disso. As garrafas de Brasília são feitas com areia pintada. Mas as verdadeiras garrafas do Timbal eram tiradas de uma praia que tinha areia de cores e o trabalho é muito elaborado. E uma coisa realmente muito bonita.

JBr — Existia também no seu projeto a intenção de estimular vertentes da cultura candanga como a música popular?

Gullar — A idéia de estimular a arte popular incluía não só o trabalho



artesanal, mas todas as artes, música inclusive. Eu cheguei até a levar escola de samba pra Brasília. A primeira escola de samba que desfilou em Brasília foi a Mangueira, que tinha sido campeã naquele ano. Isto foi no aniversário de Brasília. E eu pensava também que da mesma forma que se ia estimular o trabalho artesanal a gente iria estimular a arte popular do Nordeste ou goiano ou, enfim, quem estivesse ali.

JBr — Quais os principais obstáculos no seu trabalho frente a Fundação?

Gullar — O problema é que esse período foi muito duro para mim. A cidade estava no começo mesmo, as dificuldades eram enormes, eram realmente assombrosas. Se faltava um parafuso você tinha que viajar muitos quilômetros para conseguir este parafuso. Sabe, qualquer coisa se trans-

formava em um problema grave. Já naquele tempo não havia o problema de gasolina como existe hoje, mas havia para nós, por uma questão de falta de verbas. Era outro problema para a gente realizar as coisas, como por ocasião da preparação dos festejos para a comemoração do aniversário da cidade. E eu trabalhava lá, entrando às oito e saindo às dez da noite, almoçando ao meio-dia e voltava correndo. Era uma trabalhadeira infernal. Com a renúncia do Jânio veja a situação em que eu fiquei numa pior — todos nós estávamos mudando para Brasília, meus móveis mudando a caminho do Planalto, eu não tinha mais casa nem no Rio nem em Brasília. Quer dizer, um tumulto da minha vida. Tratei de voltar depressa para o Rio e tentar reconstituir minha vida, minhas condições de trabalho. Enfrentei uma barra pesadíssima, fiquei desempregado ou trabalhando em condições inferiores.

JBr — E qual o relacionamento que você teve, através da Fundação, com o Cine Cultura?

Gullar — O Cine Cultura estava lá praticamente sem funcionar e não tinham aparelhagem para cinema. A Fundação necessitava de fundos para se auto-sustentar como toda Fundação. Ela foi criada como Fundação justamente para isso. Nós estabelecemos um acordo para que o Cine Cultura pudesse ser utilizado para atividades teatrais. Nessa época, ele era o único teatro da cidade. O Teatro Nacional estava em obras e a perspectiva dele ficar pronto era imprevisível. Então improvisamos um teatro que funcionou muito tempo.

JBr — Atualmente, existe uma campanha envolvendo a grande maioria dos criadores culturais da cidade pela retomada do Cine Cultura. Para a Fundação Cultural, pois o espaço está em uma pendência judicial entre a Terracap e a Empresa Sá Pinto...

Gullar — Bem, o que eu sei é que o Cine Cultura era um espaço próprio da Fundação. Eu não entendo de leis, mas nem sei se é correto a Fundação alienar os seus bens. O que havia no meu tempo é o seguinte: o Cine Cultura foi arrendado. A Fundação fez um convênio com a Empresa Sá Pinto. Inclusive eu batalhei com o cara da empresa sobre o problema da percentagem que caberia a Fundação. Ele queria pagar o mínimo possível. Eu briguei com ele do meio-dia até a meia noite insistindo em que a percentagem oferecida por ele não convinha à Fundação. Foi uma briga braba. Ele ti-

rava do bolso retrato da filha dele com a filha do Jânio Quadros, retrato dele próprio ao lado do Jânio Quadros. Então eu dizia pra ele: «Você vai lá e diz pro Jânio mudar o estatuto da Fundação Cultural, pois enquanto eu for diretor quem vai decidir sou eu. E o que eu sei. Todo o meu trabalho foi pra preservar o caráter cultural daquela sala. Eu não queria deixar a sala ociosa e naquele tempo não tinha condições para manter uma atividade permanente no local. Então, mediante o convênio, se desenvolveria uma atividade cinematográfica que seria algo bom para a cidade, — até então só havia um cinema, — e o espaço ficava aberto para a realização de outras modalidades de atividades artísticas. Isto é o que ficou acordado. Agora se depois a Fundação abriu mão do local eu não entendo. Mas, afinal, atualmente, o Cine Cultura está ocupado por quem?

JBr — Segundo informações de pessoas que estiveram no seu interior, ele está ocupado por ratos e baratas...

Gullar — Eu acho que o justo é o local ser utilizado para atividades culturais. Entendo que este movimento pela sua retomada é uma coisa positiva, acho que a luta está certa. Inclusive porque quando a gente fez este contrato com a Empresa Cinematográfica Sá Pinto não havia realmente cinema. Existia um somente, com filas gigantescas e passava um filme o mês inteiro, geralmente de má qualidade. Então a idéia de você ter mais um cinema em Brasília era uma coisa importante, inclusive para você sobreviver na cidade. Era uma barra pesada, você não tinha o que fazer. Então era positivo. Ao mesmo tempo que a Prefeitura estimulava a criação de novos cinemas, mas ainda ia demorar muito. Por isso, a gente fez este convênio preservando este direito de, sempre que trouxéssemos um grupo teatral, ou um recital, eles teriam de retirar a tela que era, por contrato, móvel, e entregar o local. Agora, hoje, quando Brasília já tem outros cinemas, acho justo que a Fundação retome o local para atividades culturais.

JBr — Foi levantada também, pelos exibidores, a possibilidade de que os ratos e baratas do Cine Cultura desocupassem o espaço para dar lugar a um cinema especialmente para tarados, pois — segundo eles — este espaço seria necessário a bem da própria cidade...

Gullar — Mais uma razão para que a Fundação retome o espaço para atividades culturais.

JBr — Mas, parece que a Fundação entende que esta briga pela retomada do Cine Cultura não é da sua competência...

Gullar — E, aí fica difícil. Se a própria Fundação não se dispõe a lutar para retomar o espaço... Uma cidade como Brasília necessita de uma sala como o Cine Cultura. Está no papel do pessoal jovem e preocupado com a atividade cultural, lutar por isso. A hora é essa. Eu só digo que fiquei muito tempo fora de Brasília e não estou a par de todos os detalhes. Agora, tenho muito carinho por Brasília. A minha experiência em Brasília me marcou profundamente. Foi importante mesmo. Tenho um grande carinho por Brasília.

JBr — No seu livro, «Dentro da Noite Veloz», estão incluídos alguns poemas escritos em Brasília...

Gullar — E, fiz uns poemas no dia em que houve um enfrentamento entre peões e a polícia. O pessoal de lá, os nordestinos, são muito aguerridos. Em Brasília tudo é aberto. Brigar com a polícia ali é fogo. Mas o pessoal aguentou firme. Agora, tenho um novo livro a ser lançado em maio — *Na Vertigem de Viver*. Só as pessoas que vão ler saberão dizer realmente o que é *Na Vertigem de Viver*. Nêle retomo e aprofundo alguns temas do meu trabalho anterior. Mas é uma poesia mais madura.

JBr — Depois dos últimos 15 anos, quando a sociedade brasileira passou por mudanças vertiginosas, esfacelando o próprio sentido de história, como você vê o estágio atual da poesia brasileira?

Gullar — Olha, eu acho que a poesia brasileira está renascendo. Evidentemente que durante todos estes anos os poetas continuaram a fazer os poemas. Acho que o processo do poeta brasileiro não foi interrompido apesar disso. Certamente todo mundo sofreu o impacto, toda a vida brasileira sofreu, mas até que a poesia deu uma resposta positiva. Porque houve um re florescimento da poesia brasileira sobretudo na juventude, que está fazendo, está vendendo de mão em mão. E se publica poesia no Brasil inteiro. Você vê que a qualidade varia, mas é da quantidade que nascerá a qualidade.

Homem comum

Sou um homem comum de carne e de memória de osso e esquecimento. Ando a pé, de ônibus, de táxi, de avião e a vida sopra dentro de mim pânica feito a chama de um maçarico e pode subitamente cessar. Sou como você feito de coisas lembradas e esquecidas rostos e mãos, o guarda-sol vermelho ao meio-dia em Pastos-Bons, defuntas alegrias flores passarinhos facho de tarde luminosa nomes que já nem sei bocas bafos bacias bandejas bandeiras bananeiras tudo misturado essa lenha perfumada que se acende e me faz caminhar Sou um homem comum brasileiro, maior, casado, reservista, e não vejo na vida, amigo, nenhum sentido, senão lutarmos juntos por um mundo melhor. Poeta fui de rápido destino Mas a poesia é rara e não comove nem move o pau-de-arara. (1963)